

**Relatório das atividades elaborado pela comissão constituída pelo ConsUni
(Ato Administrativo nº 206/2014)**

Membros da Comissão:

Profa. Dra. Alice Helena Campos Pierson, Presidente
Profa. Dra. Claudia Maria Simões Martinez
TAE Fernando Moura FAbri Petrilli
Pós- Graduando Gustavo Henrique Rigo Canevazi
Graduando Charlysson Henrique Cordeiro de Souza

Objetivo da Comissão: programar e organizar eventos e debates abertos à comunidade interna e externa, de forma a subsidiar a deliberação futura do Conselho Universitário sobre política de segurança da UFSCar; realizar os eventos e debates até 13/12/2014 e abordar temas relativos à função social da Universidade; relações entre UFSCar e sociedade; e questões diretamente relacionadas ao tema da segurança nos *campi*.

Dinâmica de Trabalho:

Seguindo as temáticas propostas pelo Conselho Universitário, a comissão, em comum acordo, elencou possíveis nomes para participar de cada uma das mesas. Definiu as datas para realização do Ciclo de Debates considerando as disponibilidades do Teatro Universitário Florestan Fernandes, dado ser esse o espaço com maior capacidade de público, e a possibilidade de realização de cada um dos debates em períodos distintos, buscando garantir assim que nenhuma parcela da comunidade acadêmica tivesse sua participação dificultada pela ocorrência dos eventos sempre em horário de aula. Ainda como forma de dar condições a todos de participarem dos debates, foi definido que todos eles seriam transmitidos ao vivo para os demais *campi* da UFSCar e sua gravação ficaria disponível na página da UFSCar.

Em função do pequeno intervalo de tempo para realização dos três debates e do fato de nos encontrarmos muito próximos do final do semestre, a comissão obteve várias negativas diante dos convites de participação realizados. Apesar dessas dificuldades, foi possível realizar o Ciclo de Debates contando com convidados internos e externos à UFSCar que trouxeram importantes contribuições para a discussão.

A dificuldade na constituição das mesas, embora não tenha prejudicado a qualidade dos debates ocorridos, trouxe algumas limitações quanto ao período que dispusemos para realizar a divulgação dos eventos que, entendemos, poderia ter sido

mais ampla caso tivéssemos um período maior para realizá-la. Acreditamos, entretanto, que a possibilidade de assistir o debate ao vivo através do site www.ufscar.br/ciclododebates, ou posteriormente sua gravação, minimizou eventuais ônus decorrentes do curto intervalo de tempo de divulgação dos eventos.

Em todos os debates os membros da mesa tiveram de 30 a 40 minutos para suas falas, seguido de um período de em torno de 1h30min para colocações/questões dos demais participantes.

A programação do Ciclo de Debates teve o seguinte título e programação:

Ciclo de Debates do ConsUni – Universidade e Sociedade: subsídios para a Política de Segurança da UFSCar

Local: Teatro Universitário Florestan Fernandes/ UFSCar

1º Debate: Função Social da Universidade

Data e horário: 18/11, das 14 às 17hs

Convidados: Prof. Dr. Wolfgang Leo Maar (Prof. do Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências/UFSCar); Profa. Dra. Maria Stela Coutinho de Alcântara Gil (Profa. do Departamento de Psicologia/UFSCar); e Prof. Dr. Francisco da Costa Alves (Prof. do Departamento de Engenharia de Produção/UFSCar).

2º Debate: Os *campi* universitários como espaço de interação com a comunidade

Data e horário: 25/11, das 19 às 22hs

Convidados: Profa. Dra. Claudia Maria Simões Martinez (Pró-Reitora de Extensão/UFSCar); Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran (Prof. do Departamento de Sociologia/UFSCar); e Givanildo Manoel (Tribunais Populares).

3º Debate: Segurança Universitária: modelos e possibilidades

Data e horário: 02/12, das 9 às 12hs

Convidados: Profa. Dra. Ana Lucia Pastore Schritzmeyer (Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, São Paulo) – Superintendente de Prevenção e Proteção Universitária da USP; Armando Nascimento – Superintendente de Segurança Institucional da Universidade Federal de Pernambuco. Por questões de problemas de saúde, ambos os convidados foram substituídos pelos seguintes representantes de cada uma das instituições: Prof. Dr. Guaracy Mingardi (Assessor de Assuntos Comunitários da Superintendência de Prevenção e Proteção Universitária da USP) e Gildo dos Santos (Diretor de Projetos e

Analista de Riscos da Superintendência de Segurança Institucional da UFPE). A Mesa contou ainda com a participação do estudante de pós-graduação Leonardo Ferreira Reis.

Síntese dos principais temas abordados pelos convidados

1º Debate: Função Social da Universidade

O **Prof. Dr. Wolfgang Leo Maar**, parte do reconhecimento do papel fundamental da universidade, particularmente na sociedade atual, identificada como uma sociedade do conhecimento. Não há sociedade moderna que consiga se reproduzir sem a Universidade; é na Universidade que se analisa o que a sociedade é e o que ela pode vir a ser. Deve ser um espaço de engajamento coletivo, de construção e vivência de cidadania. Reconhece ser a universidade brasileira, na forma como a conhecemos hoje, uma instituição ainda jovem, que passou por um processo de ampliação no período da ditadura militar. Entretanto, esse período deixa marcas na maneira como é concebida, ou seja, instituição responsável por um processo de modernização conservadora, com a função de manter o controle para que a modernização seja adequada aos interesses dos setores econômicos e políticos dominantes. É apenas a partir do movimento de docentes e estudantes, ocorridos na segunda metade do século XX, que esse papel é questionado e iniciado um movimento de resistência que permitiu que hoje nós identificássemos os germes de uma modernização democrática. Nesse processo, a UFSCar teve um papel importante, sendo a primeira universidade a eleger seu reitor e a ter como uma bandeira de luta e princípio de estruturação o regime de dedicação exclusiva. Instituiu seus colegiados como órgãos máximos da instituição. Defendeu, ao longo de sua fala, o caráter fundamental que a deliberação em colegiados tem na preservação dos princípios democráticos que devem reger toda universidade e a necessidade do reconhecimento dessa importância pela comunidade interna que deve não apenas defendê-lo como princípio, mas engajar-se, garantindo que essa participação se dê de forma efetiva e representativa.

O **Prof. Dr. Francisco da Costa Alves** dá prosseguimento ao debate, chamando a atenção para um projeto de universidade que seja obrigatoriamente pública, laica e voltada ao interesse da população, mas reconhece tratar-se de um campo de disputa permanente no qual há constantes avanços e recuos. O capitalismo ao criar a

separação entre concepção e execução concebe a universidade como espaço de uma elite apartada do resto da sociedade, local de produção de uma ciência valorizada pelo que produz em termos de produtos ou processos que respondam aos interesses do capital. Nessa visão, parte da universidade deve formar a elite dirigente e parte deve produzir tecnologia. A divisão se expressa inclusive pela distribuição física no interior de seus *campi*. De um lado as humanidades, de outro as engenharias, cada programa específico de formação deve garantir que o estudante não tenha tempo para se desviar de um percurso formativo pré-definido. Para esse modelo de universidade, a política de segurança deve garantir o isolamento do campus, isolando-a do resto da sociedade com cercas, guaritas e guardas. Mas, não é esse o modelo que defendemos. Buscar uma universidade cuja excelência é medida pelo seu compromisso social é estarmos em um embate constante em defesa da produção de conhecimentos voltados para a melhoria das condições de vida das pessoas e não apenas produção de tecnologia voltada aos interesses de empresas. A onda neoliberal que assolou o país tornou essa disputa mais clara e precisamos definir qual projeto defendemos. Asseguro que, mesmo já tendo passado por diversas universidades, a UFSCar é a universidade mais democrática que conhece. Tem um importante projeto de extensão, que claramente valoriza programas voltados para a população e para a melhoria da qualidade de vida dos segmentos menos favorecidos; uma universidade com um importante programa de ações afirmativas, que trouxe para seu interior os pobres, negros e indígenas que, no outro modelo, jamais teriam acesso a ela. A questão da segurança deve ser pensada em termos da Universidade que queremos, mas também não podemos ignorar que a sociedade tornou-se mais violenta, que os problemas de segurança ganharam novas configurações. A questão é como conciliar uma universidade que não queremos ver fechada para a população com sua vulnerabilidade à violência. Precisamos buscar saídas coletivamente e a participação de movimentos sociais e da sociedade organizada é importante.

Finalizando tivemos a fala da **Profa. Dra. Maria Stella de Alcântara Gil**, que foca sua fala na UFSCar, instituição na qual atua há 22 anos, após ter a oportunidade de estar em diferentes universidades públicas, mas reconhece ter especial predileção por essa instituição. Uma universidade que ela acompanhou o processo de mudança a partir do REUNI e da instituição do Programa de Ações Afirmativas, redefinindo o perfil dos estudantes ingressantes. Uma mudança bastante rápida, fazendo com que, com velocidade, fossem reconfiguradas as relações no seu interior. Paralelamente, aponta para uma mudança igualmente importante na sociedade como um todo, reconhecendo que os *chips* mudaram nossas vidas, com impactos na instituição. Nessa direção, ressalta que a UFSCar repensou seu projeto e foi capaz de mudar sua forma de tomar decisões. Em 2008, foi aprovado seu novo estatuto fortalecendo seus conselhos, em 2004 construiu coletivamente seu PDI, com participação de todos os setores da sua comunidade. Em 2013, esse PDI é atualizado, demonstrando a capacidade que a UFSCar tem de se repensar, de abrir espaços de possibilidade de

autocorreções. O PDI estabelece de forma consensuada os princípios e as diretrizes que devem orientar as ações da instituição e, após proceder à leitura desses princípios, dá destaque a dois deles: Excelência Acadêmica e Universidade com Compromisso Social. Iniciando pela excelência acadêmica, chama a atenção para uma leitura de excelência que se enriquece com as condições de equidade. Se inicialmente a expressão ações afirmativas foi o mote que nos dirigiu, agora devemos voltar nossas ações para a equidade de tratamento, reconhecendo a diversidade e o pluralismo étnico-racial. A destacar esses elementos, reforça a ideia de que temos maneiras de repensar e reconsiderar princípios e não abandoná-los, mas sim rediscuti-los coletivamente num processo onde nos apoiamos em consensos possíveis, buscando pontos de convergência que nos permitam superar as condições dadas. Defende um processo que é lento, mas que é importante ocorrer presencialmente, olho no olho. Nas instituições, a negociação é um ponto chave e, na sua fala, a professora aponta a falta de participação como um problema crucial com o qual temos convivido. Falta de participação nas diferentes instâncias da Universidade – nos conselhos de centro, de coordenações de curso, etc. Defendemos a ampliação da participação e não ocupamos os espaços já conseguidos. E isso é apontado como bastante preocupante, pois o processo democrático, participativo e colegiado é inegociável e deve ser inegociável porque ele está na base do resultado e nenhum resultado tem sentido se ele não sair de uma discussão ampla, diversificada com todos os participantes. O princípio, o processo e nossa dificuldade em manter esse processo vivo foram apontados como questões que deveriam permear toda a nossa discussão sobre a relação universidade e sociedade, seja pelo compromisso social da UFSCar, pelas características e particularidades que têm e pelas condições que temos aqui de discutir, de repensar, de reconsiderar e nos auto-renovarmos. Finalizando, destaca outros princípios inegociáveis: gratuidade; dedicação exclusiva; indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (entendida aqui como ações indissociáveis e não atividades paralelas) e defende que os princípios e diretrizes da UFSCar sejam o espaço de orientação de nossas discussões e nossas deliberações.

2º Debate: Os *campi* universitários como espaço de interação com a comunidade

O 2º debate tem início com a fala da **Profa. Dra. Claudia Maria Simões Martinez**, Pró-reitora de Extensão da UFSCar, que pretende, em sua apresentação, mostrar o que temos desenvolvido no âmbito da extensão. Para isso, inicia recuperando alguns aspectos históricos e conceituais que foram elementos a partir dos quais as universidades se constituíram, dando especial atenção ao processo de redemocratização dessas instituições que possibilitou que, para além das atividades de ensino e de pesquisa, voltassem sua atenção e esforços para os reais problemas da sociedade. Nesse contexto, destaca a UFSCar que, se inicialmente tinha seus cursos principalmente nas áreas tecnológicas e uma maior aproximação com setores da indústria, com o início dos cursos principalmente na área de saúde e educação, amplia

e diversifica sua relação com a sociedade, a partir de ações de extensão que permitem uma troca de conhecimentos de mão dupla. Não é mais apenas a universidade que leva conhecimentos para a sociedade, mas a universidade passa a buscar na sociedade seus saberes e experiências. Nesse sentido, destaca o importante papel dos Núcleos de Extensão Universitária, criados na década de 1990, na articulação entre o potencial existente na universidade e as demandas da sociedade, resignificando as atividades desenvolvidas. Destaca, ainda, a importância do apoio governamental possibilitado pelos programas e editais de incentivo às ações de extensão, que têm ampliado a participação não apenas de docentes, mas igualmente de servidores técnico-administrativos e estudantes nas atividades de extensão. Identifica uma importante evolução na relação da UFSCar com seus parceiros ao longo desse processo de ampliação e diversificação das atividades extensionistas. Apresenta, em seguida, a Política Nacional de Extensão Universitária que se apóia na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, definindo extensão como um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a universidade e os vários setores da sociedade. Em seguida apresenta a forma como extensão está organizada na UFSCar. Elege o período de 2013-2014 para ilustrar as tenha 1.679 atividades cadastradas, fazendo um recorte (mesmo reconhecendo a dificuldade e risco envolvido nesse processo), a fim de dar um panorama geral do que tem sido a extensão desenvolvida pela UFSCar, o que tem sido feito e qual o público atingido. Destaca as linhas programáticas, a partir das quais as atividades estão organizadas, quais sejam: Direitos Humanos e Justiça; Comunicação; Cultura; Atenção Integral às Pessoas; Políticas Públicas; Saúde; Educação; Tecnologia e Produção; e Meio Ambiente. Apresenta, ainda, as seguintes modalidades em que essas atividades ocorrem: Aciapes; Eventos; Cursos; Programas; Projetos; Consultorias; entre outras. Em seguida, passa a detalhar alguns projetos desenvolvidos, apenas a título de ilustração. Para finalizar, apresenta um mapa, no qual é possível ver a extensão das atividades desenvolvidas para além das cidades onde estão localizados seus *campi* e seu entorno. Graças às novas tecnologias de informação e comunicação, elas têm atingido vários outros estados brasileiros, extrapolando o Estado de São Paulo.

Dando continuidade ao debate, temos a fala do **Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran**, que inicia fazendo uma rápida apresentação sobre seus temas de pesquisa como uma forma de esclarecer de onde e com que perspectiva vê a questão. Crime, violência e periferia são temas que vem discutindo em diferentes universidades e, com pesar, tem percebido uma grande intolerância em torno dessas questões e a possibilidade de abrimos essa questão na instituição lhe parece o melhor antídoto. A Universidade é ainda um dos poucos espaços onde a lógica da discussão prevalece sobre interesses de mercado. Apresenta-se como um pesquisador de campo que discute periferia urbana principalmente nos grandes centros. Estudou bastante violência policial, violência política na democracia, violência de Estado e os modos de organização do crime, particularmente o PCC. Além de pesquisador, se coloca como

militante na área. Retoma em sua fala eventos marcantes, ocorridos na década de 1990, como o fechamento do *campus* Butantã da USP, a morte de um menino na raia olímpica após ter apanhado da polícia e as ações de ocupação e destruição dos postos policiais por habitantes da favela do Remo decorrentes desse fato. Refere-se a esses eventos para mostrar que a questão já está presente nas universidades há quase 20 anos. Afirma que a UFSCar levou todo esse tempo para começar a falar em fechamento do *campus* e isso é importante. Acredita que o cenário que vivemos hoje é de uma polarização muito mais radical do que a que tínhamos naquela ocasião e o cenário de debates proposto pela UFSCar muito diferente do que o que havia naquele período. Destaca que, mesmo quando ainda era estudante da USP, sempre lhe chamou à atenção a pujança das atividades de extensão desenvolvidas aqui e a qualidade dos nossos congressos de extensão universitária. Inicia suas colocações sobre a questão da segurança afirmando que espera que não fechemos o *campus*, defendendo uma posição de que ele deve permanecer aberto, embora reconheça que a administração necessite tomar uma atitude frente a uma coisa, a seu ver, muito específica, muito pontual que são os eventos que vêm ocorrendo em torno do palquinho. Sua leitura é que temos um problema vinculado à criminalidade e não à violência. Esclarece o significado e diferença entre os dois termos quando olhados numa perspectiva sociológica: violência refere-se a situações nas quais há o uso de força física ou algo equivalente e quando se refere a crime, está falando de uma instância de poder que regula principalmente o mercado de drogas, de roubo de carros, que têm agentes específicos de regulação e valores. Identifica que temos hoje um problema criminal ligado ao palquinho que é de onde parte toda uma representação de insegurança no campus. Nos últimos anos, coloca que tem ouvido depoimentos de alunos que reconhecem estarem perdendo o controle sobre o que ocorre e que os percebe bastante tensos com isso. Relata que conversando com os meninos que vem para a UFSCar nesses eventos a trabalho, como trabalhadores do tráfico de drogas, o que encontram chegando aqui é um nicho de mercado bastante promissor e um nicho de elaboração de suas próprias identidades muito tentador pela possibilidade que se apresenta de conviverem com pessoas bastante diferentes deles. Muitos dos que vêm aqui como trabalhadores do tráfico não têm ideia de que metade dos alunos da universidade entrou pelas ações afirmativas. Eles têm uma visão de que todos são playboys e reconhecem a impossibilidade de se tornarem estudantes nesse espaço, pois, na sua grande maioria, é exatamente a sua baixíssima escolaridade, que os bloqueiam para o mercado de trabalho e os selecionam para serem recrutados pelo tráfico. Apresenta a questão da segurança na UFSCar como pontual, envolvendo não mais do que cerca de 30 meninos trabalhadores ligados ao tráfico de drogas, em torno dos quais se agrega uma lógica de enfrentamento de moleques da periferia e estudantes e dos estudantes contra eles e é essa alteridade a geradora do conflito. Nem todos os meninos que vêm para o palquinho estão aqui vendendo drogas, mas ficam em torno dessa esfera de poder, muito legítima até pelos benefícios que oferece para quem dela faz parte.

Identifica o crescimento do problema no interior da UFSCar como o resultado de uma política de desmantelamento dos NAIs – Núcleos de Atendimento Integrado e da produção de uma lógica de internação, atualmente em vigor em São Carlos. Uma lógica que, ao invés de reeducação do jovem e adolescente, têm se tornado uma máquina de produção do crime. Como forma de atuar no problema, o professor entende não ser o palquinho o espaço de mediação adequado, defende que é fora daqui que a mediação deve se dar, nos espaços produtores dessa criminalidade, no judiciário que defende hoje uma política de internação, no diálogo entre grupos organizados de estudantes e grupos organizados desses meninos e quem sabe daí não surja um pacto de não agressão. Esses meninos precisam saber que não são apenas playboys que estudam na UFSCar e nós precisamos saber que esses meninos têm uma visão de mundo complexa para discutir conosco. Termina sua fala elogiando o caráter propositivo do projeto de segurança apresentado pelos alunos, mas ressalta sua falha ao não apresentar claramente o problema. É fundamental que falemos sobre ele, que o encaremos de forma pragmática. Destaca sua preocupação em enquadrar o problema numa esfera mais produtiva.

Finalizando temos a fala do **Sr. Givanildo Manoel**, ligado aos tribunais populares, militante dos direitos humanos, contra a violência à juventude, membro do Conselho Tutelar em São Paulo e de comitês pela desmilitarização da polícia e da política. Falando desse lugar, como membro externo à comunidade da UFSCar, mas como alguém que tem vivenciado questões semelhantes como morador das proximidades da USP/SP, que vive num tensionamento constante com a população da favela do Remo, instalada na fronteira do *campus* que hoje tem esse tensionamento acirrado diante de interesses econômicos pelo território que ocupam. Inicia suas colocações com uma posição diferente daquela apresentada pelo Prof. Gabriel quanto ao papel do desmantelamento dos NAIs em São Carlos. Quando o Prof. Dr. Newton Lima Neto ainda era Prefeito Municipal de São Carlos teve a oportunidade de conhecer o trabalho que era desenvolvido junto às crianças e adolescentes de São Carlos e o que teve a oportunidade de conhecer foi uma política bastante contundente na defesa dos direitos da criança e do adolescente que tornavam o NAI praticamente desnecessário. Entende que a questão não é apenas de seu desmantelamento, mas da ruptura com toda uma política estabelecida, concordando ser a política atual de internação, sem dúvida, a responsável pela produção do crime com o qual temos convivido atualmente. Elogia o documento produzido pelos estudantes da UFSCar, caracterizando-o como bastante adequado por procurar olhar vários elementos considerados relevantes para a discussão da questão da segurança. Coloca sua preocupação diante da conjuntura histórica que estamos vivendo de aumento do número de mortes violentas, principalmente de jovens e jovens negros. Reconhece a implementação no Estado de São Paulo de uma política de tolerância zero (semelhante àquela implementada pelo governo Nixon na década de 1970 para combater os movimentos negros organizados) e o movimento de constituição de um estado penal

de aproveitamento da mão de obra encarcerada a ser explorada pela iniciativa privada a partir de contratos onde é estipulado inclusive o número necessário de presos para realização do trabalho, são elementos que precisam ser discutidos e atacados. Chama a atenção para que a universidade fique atenta para o nível de militarização do estado brasileiro apresentando vários exemplos do seu caráter nefasto; paralelamente identifica um processo de criminalização de movimentos sociais, sindicatos e militâncias; chama a atenção para a preparação do exército para atuação em conflitos urbanos, amparada por regulamentações legais. Temos hoje um processo de decréscimo da criminalidade à custa de um aumento da violência policial, que utiliza como justificativa o combate às drogas. Colocando seu olhar sobre a violência presente hoje no *campus* da UFSCar, entende que seria importante recuperar como essa questão se coloca para a sociedade de maneira mais geral, aproveitando os instrumentos que a Universidade dispõe para realizar bons diagnósticos que possam direcionar suas ações. Entende ser fundamental discutir a violência estrutural que identifica como produzida por planos de desenvolvimento (por exemplo, o PAC) que colocam seu foco em aspectos como energia, transporte e comunicações, deixando o elemento humano fora de suas prioridades. Qual seria o plano de desenvolvimento que defendemos é uma discussão fundamental a ser realizada pelas Universidades. O importante é que ela não se feche para a sociedade e discuta sobre o processo que o país vem passando e suas implicações nos direitos humanos. Finaliza defendendo que o diálogo deve ser mantido, cabendo à UFSCar discutir essas questões e quem sabe ela não possa produzir soluções que venham a ser exemplo para outras universidades que passam por problemas semelhantes na direção de um projeto societário diferente do que esse que temos hoje, perverso e que não tem na humanidade seu foco principal.

3º Debate: Segurança Universitária: modelos e possibilidades

O debate teve início com a fala do pós-graduando **Leonardo Ferreira Reis** que iniciou suas colocações relatando a ação de restrição de acesso ao *campus* São Carlos da UFSCar, implementada pelo ConsUni em 07/2014, como a principal motivação que levou os alunos a realizarem um conjunto de três debates, envolvendo diferentes setores da instituição e membros da comunidade externa, com o objetivo de construir uma proposta de segurança para a UFSCar, posteriormente aprovada em assembléia estudantil. Faz, em seguida, uma crítica à forma como os debates anteriores, realizados no âmbito desse Ciclo de Debates, foram encaminhados, culpabilizando a organização pelo esvaziamento do debate atual. Em seguida, passa a fazer a apresentação da proposta construída pelos estudantes, organizada em quatro capítulos, cada um deles com um conjunto de propostas a serem implementadas a curto, médio e longo prazo. O 1º capítulo, cujo tema é Aumentando a Identidade e Pertencimento à Universidade, defende a necessidade de se desfazer o abismo existente entre os “intelectuais” acadêmicos e aqueles externos a essa comunidade, vistos como responsáveis pelos atos violentos contra o patrimônio. Identifica a

extensão universitária como o setor da universidade capaz de reduzir esse abismo, se atuar num processo mais próximo à comunidade: ampliando as atividades de extensão no período noturno; possibilitando a proposição de atividades de extensão por membros externos à instituição, sem a necessidade obrigatória de mediação de professores; defesa do cerrado como espaço de realização de atividades educativas voltadas à população. O 2º capítulo, Fortalecendo o Diálogo com a Comunidade, reconhece como muito importante esse diálogo para o efetivo exercício da função social da universidade e, nesse sentido, defende que seja: ampliado o diálogo com os alunos das escolas públicas como uma possibilidade real de formação; diversificadas as ações de cultura que já ocorrem no *campus*; incentivados os núcleos de cultura; revistos os projetos político-pedagógicos dos cursos de forma a incorporar os problemas sociais como aspectos a serem discutidos e analisados; dentre outros elementos. O 3º capítulo coloca seu foco nos aspectos referentes à Estrutura Física da instituição e nesse sentido propõe: a revitalização do espaço e criação de condições para sua ocupação; a reestruturação da segurança que não deve ser terceirizada e nem ser exclusivamente uma segurança patrimonial; que seja repensada a mobilidade no *campus*, favorecendo a circulação de pedestres e bicicletas; a melhoria da iluminação; o atendimento às demandas históricas da moradia; que sejam debatidos os fins políticos e culturais do palquinho como espaço de fortalecimento de movimentos políticos e culturais; a utilização da sede social como polo articulador da universidade com a sociedade. Finalizando temos o 4º capítulo – Encarando os Problemas Sociais e Atuando no Sentido de Combatê-los. A universidade como espaço formador de sujeitos sociais deve discutir os problemas que afligem a sociedade, sem se furtar de debatê-los. Nesse sentido, a proposta defende que a universidade deve: promover estudos e diálogos sobre a questão do tráfico e consumo de drogas; ampliar a discussão sobre o combate à violência; implantar o programa de ações afirmativas na pós-graduação; criar secretarias de atendimento à mulher e facilitação de denúncia de atos violentos. Concluindo, esclarece que reconhecem tratar-se de um problema complexo e o projeto apresentado não tem a pretensão de exaurir toda a complexidade da questão. Entende que a discussão deve continuar dentro e fora da instituição e o ConsUni deve responsabilizar-se pela ampliação dos debates e que qualquer medida de segurança na UFSCar só pode ser efetiva se for pensada numa lógica de inclusão e não numa lógica excludente.

O convidado seguinte, **Sr. Gildo dos Santos**, apresenta, por meio de projeções de imagens e textos, as medidas de segurança adotadas na Universidade Federal de Pernambuco no combate à violência e criminalidade nos seus *campi*. Entre as medidas adotadas há uma interlocução entre a equipe de segurança da UFPE com as polícias civil e militar. Equipamentos de monitoramento e treinamentos de equipe são empregados no cotidiano. Foram projetadas informações com dados estatísticos sobre roubos e outras variáveis relacionadas à criminalidade e violência. Há uma avaliação

positiva de sua parte em relação aos procedimentos e medidas adotados no campo da segurança na UFPE.

A última fala do Ciclo de Debates foi proferida pelo **Prof. Dr. Guaracy Mingardi**, que apresentou um levantamento histórico dos problemas enfrentados pela USP nos últimos anos e sobre medidas de segurança, focalizando particularmente o *campus* Butantã em São Paulo. Tece críticas em relação às condições atuais de equipamentos e recursos humanos/ quadro de pessoal existente no local. Ilustrou alguns episódios e fatos enfrentados pelo citado *campus*, especialmente a presença de crianças e adolescentes que passam o dia no local. Para tanto, acredita na força das ações de caráter social, projetos e iniciativas já implementadas com sucesso em outras épocas. Outra medida para combater o quadro enxuto e limitado da instituição é ampliar o efetivo da guarda com mulheres para atender às demandas gerais e colaborar no combate à violência contra a mulher.

Algumas considerações finais

Entendemos que, dado o curto espaço de tempo disponível para a realização dos três eventos e o momento pouco favorável frente às atribuições que se acumulam ao final de todo período letivo, entendemos que os debates cumpriram com seu objetivo. Desde o 1º debate, as discussões sempre focaram a questão da segurança na UFSCar polarizando-se, com frequência na questão da limitação ou não de seu acesso no período noturno e finais de semana. Apesar do público presente ter se reduzido ao longo dos três eventos (em torno de 120 pessoas no 1º debate; algo em torno de 80 no 2º e aproximadamente 30 pessoas no último evento), acreditamos que o fato dos mesmos estarem gravados e acessíveis aos interessados é um aspecto que minimiza tal problema. Nesse sentido, sugerimos fortemente que todos aqueles que não puderam participar dos eventos que o assistam.

São Carlos, 09 de dezembro de 2014

Profa. Dra. Alice Helena Campos Pierson, Presidente

Profa.Dra. Claudia Maria Simões Martinez

TAE Fernando Moura Fabri Petrilli

Pós- Graduando Gustavo Henrique Rigo Canevazi

Graduando Charlysson Henrique Cordeiro de Souza